

TESTAMENTO LACRADO

"Você é o Juiz"

Ancião, sem herdeiros legais, proprietário de razoável patrimônio, já sentindo o aproximar-se do seu derradeiro embarque, às pressas ou de outra forma, resolve, em vida, fazer o seu testamento, em cujo momento nomeia os beneficiários.

E, assim o fez, de próprio punho, na forma da lei, conforme texto, a seguir, reproduzido.

DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO PADEIRO NADA DEIXO AOS POBRES.

Assinado, inclusive por duas testemunhas e aprovado pelo tabelião, transcreve-se no livro de notas e documento, seguindo-se a tarefa de se lacrar o envelope, apondo-se a chancela do cartório.

Passados alguns meses, ocorre o falecimento do testador. O tabelião convoca os herdeiros e, de envelope na mão, em companhia dos interessados dirige-se ao Meritíssimo Juiz da Comarca.

O Juiz abre o envelope, lê o texto várias vezes e não decodifica o desejo do testador. Por isso, toma a decisão que lhe pareceu mais acertada.

Nessa hora, chama a oficiala substituta. Manda reproduzir quatro cópias xerográficas, rubricando-as, em seguida. Ato contínuo, as distribui com os interessados, uma para cada um, orientando-os para que eles mesmos, individualmente, fizessem a pontuação, no prazo de 24 horas.

Devolvidas, o magistrado pôde conhecer a esperteza e a escolaridade da irmã, do sobrinho, do padeiro e do representante dos pobres.

Cada um pontuou o testamento da seguinte forma:

Airmã

"Deixo os meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho; jamais será paga a conta do padeiro; nada deixo aos pobres".

O sobrinho

"Deixo os meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada deixo aos pobres".

O padeiro

"Deixo os meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho, jamais. Será paga a conta do padeiro. Nada deixo aos pobres".

O representante dos pobres

"Deixo os meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho, jamais. Será paga a conta do padeiro? Nada. Deixo aos pobres".

Você é o Meritíssimo Juiz, decida!

(Notícia de rádio reescrita por Laurindo Ferreira)

LAMENTAÇÃO

(Juca Mulato)

Menotti Del Picchia

"Tenho uma santa em casa; o seu olhar encanta.
O olhar dela é, porém, igualzinho ao da santa.

Quando rezo, nem sei, é como o olhar da corça,
Tem, na própria fraqueza, a sua própria força.

Quando o fito a minha alma enche-se da incerteza,
Que há na canoa sem dono à flor da correnteza.

Ele é tal qual o sol, indiferente e mudo,
Sem saber quem aclara anda aclarando tudo...

Mas no olhar que o fitou brilha, constantemente,
Um reflexo de luz ambicionada e ausente.

Eu nunca vi o mar, mas vendo esse olhar penso,
Num barco que se afasta onde se agita um lenço...

Ou no doido terror que, em meio de procelas,
Há num casco sem leme ou num barco sem velas...

Creio ver o meu vulto em teus olhos, tão vago
Como as sombras que espelham a água morta de um lago.

Eu bem sei que, tal qual na líquida planície,
O meu vulto não vai além da superfície.

Fica à tona, a boiar nessa pupila absorta
Como na água parada alguma folha morta..."

A pedido de Nilo Tinoco Miranda

SONETO DE FIDELIDADE

Vinicius de Moraes

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

A pedido de José Carlízio Correia de Queiroz

Meus olhos já viveram tragédia, já presenciaram muita tristeza, já se molharam de muitas misérias avistadas sobre a face da terra e sob o coração do homem. O espetáculo a que me refiro hoje, porém, é dos mais trágicos e dos mais tristes que já presenciei. Seu cenário, por si mesmo, sugere melancolia - uma rua mais ou menos deserta de subúrbio, com o chão enlameado. Os arbustos e as árvores incluídas no quadro parecem tristes e emurchecidas pela chuva que os castigou a manhã inteira.

De repente, a criança apontou para a esquina e identificou uma figura que sempre lhe parecera estranha: o palhaço. Era aquela, exatamente, a hora em que o palhaço do circo vizinho passava por ali. E era aquele mesmo palhaço de todos os dias. A mesma roupa, a mesma cara, as mesmas pernas de pau. O resto o mesmo também. Mas havia algo de profundamente diferente naquele palhaço que surgia na esquina àquela hora. A primeira impressão foi de deslocamento. Aquilo não parecia ser um lugar para palhaços. Aquele lugar fora exatamente o mesmo em que aquele mesmo palhaço andara em outras tardes.

Finalmente, consegui descobrir a enorme diferença, identificá-la. Aquele palhaço era o mesmo apenas fisicamente. O seu todo nos mostrava um homem diferente. Ninguém diria que se tratava do mesmo homem esfuziante e alegre dos outros dias. Aquele palhaço ali estava só, absolutamente só no meio da tarde. Faltava-lhe o complemento natural de outras tardes: a presença das crianças.

Se for verdade que a alegria do palhaço é ver o circo pegar fogo, também deve ser que a sua tristeza é a solidão. Aquele rosto mascarado, triste, ainda tentou sorrir por trás de sua máscara. Juro como o seu sorriso não convenceu a ninguém. Talvez essa incapacidade profissional, ocasional embora, tenha sido demais na tarde triste daquele palhaço. A verdade é que ele apressou os passos, de cima de suas enormes pernas de pau, e se lançou mais rapidamente ao caminho.

O fato se passou há alguns dias, mas ainda não consegui esquecer a expressão de amargura do rosto do palhaço. Era tão

poderosa a sua tristeza, que se irradiava para os objetos em redor. A tarde sombria, os arbustos tristes, a terra cinzenta, tudo isso se junta ainda hoje na minha lembrança, quando me volto para o palhaço solitário. Creio mesmo que aquele palhaço voltará a ser o mesmo. Estou esperando ouvir a sua voz, qualquer tarde dessas, para tirar as minhas dúvidas. Espero, sinceramente, que a companhia das crianças volte a trazer realização profissional a esse artista do riso. Espero que aquela sua tristeza não tenha sido provocada mesmo somente pela ausência do coro infantil que o cercava em outras vezes.

Espero tudo isso não apenas pela solidariedade que o palhaço triste tenha provocado em mim. É que desejo, do fundo do meu coração, que as tardes do meu subúrbio voltem a vibrar com as graças do velho palhaço e com a gritaria das crianças assanhadas.

O espetáculo deve continuar para todos...

Rodrigues de Gouveia

VALEU, "TOM"

Hoje, dia 31 de julho do ano de 2007, eu e minha esposa Lúcia estamos na cidade de Recife-PE para, com muito orgulho, assistir à apresentação e defesa da tese de doutorado de nosso estimado filho Emerson. Foi uma trajetória de sacrifício e grandes obstáculos, que ele com seus esforços, persistência, habilidade e inteligência soube e pôde superá-los aproveitando muito bem os ensinamentos dos seus sábios mestres desde a alfabetização até esta grande vitória, o doutorado.

Agradeço de coração a todos os seus professores lembrando uma frase do grande filósofo da antiguidade e atualidade Aristóteles: "Devemos mais aos nossos mestres que aos nossos pais porque se esses nos deram o pão que nutre a vida, aqueles nos deram o pão que nutre o espírito".

Vim morar em João Pessoa-PB para que meus filhos pudessem melhor aproveitar da única herança que eu lhes deixaria: o saber. Como nunca fui afeito a cidade grande, se hoje eu quiser, poderei retornar e morrer tranqüilo no meu interior, na cidade de Sousa-PB, pois a minha missão já foi cumprida, meu objetivo foi alcançado.

Você, Emerson, é um grande vitorioso, soube muito bem aproveitar as oportunidades que lhe foram dadas e, particularmente, recompensar o sacrifício que eu fiz em vir morar em João Pessoa por causa dos filhos. Vocês bem sabem quanto gosto da vida no interior e quanto amo aquilo ali. Gosto muito de "Filosofia de Parchoques", e, ontem, dia 30 de julho de 2007,

quando vínhamos de João Pessoa a Recife, li a seguinte frase na "Borracha Lameira" de um caminhão: "O sol nasceu para todos e a sombra para quem merece". Espero que você saiba muito bem aproveitar o sol da vida e a grande sombra da árvore frutífera do saber.

Agradeço de coração a todos familiares e amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta grande vitória, em especial, a sua esposa, Natália, pela sua compreensão e colaboração, e também aos seus tios, Conrado e Ruth, que o acolheram muito bem nos períodos do mestrado e do doutorado. Aos seus mestres, o nosso imensurável agradecimento, em especial à professora Fátima Agra, por seus valiosos ensinamentos. Lembrando-os que: "Fica sempre um pouco de perfume nas mãos de quem distribui rosas" (provérbio popular). Vocês mestres, não só distribuem as rosas que enfeitam a vida, como também frutos que a alimentam: o saber. Muito obrigado mesmo, desde o mais alto ao mais simples funcionário da UFPE.

E, você, Emerson, parabéns pelo "Gol de Placa", suba ao pódio do sucesso com uma medalha da vitória no pescoço "O bom filho Deus ajuda".

"Valeu, Tom". Estamos orgulhosos de você

Recife - PE 31/JUL/2007

Jeander Batista de Lucena e Maria Lúcia Rocha Melo de Lucena

O PALHAÇO

POSTAL

João Bosco da Silva
Teresina-PI

Rua cheia,
cheia de gente;
de mulher bonita,
cada uma disputando o prêmio da nudez.

Rua cheia,
cheia de gente;
de homens apressados,
acossados pela trama da sociedade de consumo:
- precisam de mais, sempre mais, para o supérfluo.

Rua cheia,
Cheia de gente;
De camelôs vendendo **por nada** um produto barato;
De bilheteiros vendendo a **sorte grande** que não
vem:
- a loteria da própria vida.

Rua cheia,
cheia de gente;
em cada esquina, um pedinte,
em cada quadra, dez ou vinte.
"Como fede a miséria,
e como faz vergonha!"

Rua cheia!
Mais que de gente, cheia de tentações:
- anúncios de **queimas**,
anúncios de festas,
anúncios de jogos,
anúncios de nus - pintados,
coloridos,
berrantes - pequenos e grandes.
- Estardalhaço de ofertas!!!

Na coroação suprema desse ardid comercial,
além da mensagem subliminar,
acintosamente permeando a propaganda de todos os
produtos:

- O sexo!

Como se a necessidade de amar
Estivesse intimamente ligada à de consumir.

Talvez eu possa...

Talvez eu possa querer você, sem querer.

Amar, sem amar.

Desejar sem mostrar desejo.

Duvidar sem questionar nada...

Talvez eu possa sofrer sem dor.

Calar diante do que tenho a dizer.

Sorrir quando o peito quiser chorar.

E mentir quando a minha verdade precisar ser dita.

Talvez eu possa ter você sem cultivar nenhum sentimento.

Entregar-me completamente, num único momento de
prazer,

Sem mais nada, apenas por medo.

Amar-te ardentemente sem pensar no depois.

Sonhar contigo, por toda a vida, sem acreditar em nada.

Talvez eu possa deixar esse sentimento me destruir,

Quando o que eu quero é simplesmente ser feliz.

E mesmo com o coração ferido, talvez eu possa continuar...

Maria C. P. dos Santos

31.07.2007

A pedido de Waldir Faria Freitas

O CRISTO INCOMPARÁVEL

Há mais de dois mil anos nasceu um homem de modo contrário às leis da natureza. Viveu na pobreza e foi criado na obscuridade. Só uma vez cruzou as fronteiras de seu País.

Não possuía riqueza nem influência. Seus parentes não tinham nenhum preparo ou cultura. Entretanto, na infância sobressaltou um rei; na meninice confundiu os doutores; na idade adulta subjugou o curso da natureza, andando sobre as águas como se fossem terra firme, e ordenou ao mar que se acalmasse.

Sem remédio, curou multidões e nada cobrou por Seus serviços. Jamais escreveu um livro; entretanto, todas as bibliotecas do país não poderiam comportar os livros que já foram escritos a respeito Dele. Não

compôs um hino sequer, mas tem sido o tema de mais hinos do que todos os compositores juntos..

Nunca fundou um colégio, mas todas as escolas juntas não tiveram tantos alunos como Ele. Não comandou um exército, nem convocou um soldado, e nunca disparou uma arma. Entretanto, nenhum líder contou com mais voluntários sob suas ordens, os quais conseguiram levar rebeldes sem conta a guardar as armas sem que tivessem que dar um tiro. Nunca estudou medicina, porém curou mais corações do que todos os médicos da terra. E no dia que é dedicado a Ele, o comércio cessa, e as multidões procuram os templos a fim de prestar-Lhe adoração e reverenciá-Lo.

Os nomes dos orgulhosos estadistas da Grécia e de Roma surgiram e desapareceram. Os nomes de grandes cientistas, teólogos e filósofos têm surgido e desaparecido, mas o nome deste Homem dia-a-dia se torna mais conhecido.

Ainda que um espaço de mais de dois mil anos se interponha entre nós e a cena da crucificação, Ele ainda vive.

Herodes não pôde destruí-Lo e o túmulo não pôde retê-Lo.

Ele sobressai no mais elevado pináculo da glória celestial, proclamado por Deus, homenageado pelos anjos, adorado pelos santos e temido pelos demônios - JESUS CRISTO, nosso Senhor e Salvador, vivo e pessoal.

Autor desconhecido

A pedido de Syllas Brasil Cordeiro

A PENÚLTIMA MENTIRA DO CORONEL

“A mentira é um vício apenas quando faz mal;
quando faz bem é uma grande virtude.”
(Anatole France - escritor francês)

(Parte Final)

Alguns risos se estamparam nos rostos de vários participantes da reunião logo estancados com a esperada aproximação do coronel Epaminondas. De pronto arranjaram-lhe uma cadeira de balanço, como era praxe naqueles encontros. Expressando a sisudez de sempre, mesmo assim fez um aceno de cabeça e mãos, cumprimentando a todos como um líder que se aproximava de seus comparsas. Ainda demonstrando um certo abatimento físico e alguma dificuldade na fala, dirigiu-se ao público, a estas alturas bastante numeroso, dizendo de início que retornara da Capital ontem, onde buscara assistência médica e para onde gostaria de retornar logo resolvesse alguns problemas locais.

Sentou-se, ajeitou-se na cadeira com segurança e foi jogando conversa fora, como era do seu feitio:

— Primeiro, quero dizer que sinto muito não ter assistido às estórias de meus antecessores. Sei, porém, que eram casos verdadeiros e vocês estão de parabéns por terem a felicidade de ouvirem pessoas que ainda falam a verdade neste mundo de meu Deus. Vou narrar uma de duas histórias que me vieram à mente.

Reacomodou-se na cadeira e prosseguiu:

— Faz muito tempo que isso aconteceu. Já olhei aqui em redor, mas não encontrei nenhum dos homens que me ajudaram naquela façanha. Ora, eu era jovem, um frangote que mal saíra das calças curtas. Meu pai – que Deus o tenha em bom lugar! – reservou para mim um roçado grande ali nos baixios do riacho Negro, que desce lá do serrote, determinando que eu plantasse arroz em toda a área que ele cercara: uns cinqüenta hectares. Era terra muita, minha gente. Tive que aceitar o desafio. No primeiro ano, só deu para as despesas. No segundo, os passarinhos (papa-arroz, curió, sanhaço e outros) só me deixaram a metade da safra.

O coronel fez uma pausa estratégica, olhou em volta para todos os circunstantes como a sondar sua credibilidade e, sério e confiante, continuou sua narrativa:

— Pensei comigo mesmo noites e noites seguidas para encontrar uma solução para o problema. Conversa

vai, conversa vem, encontrei conjuntamente com meus trabalhadores uma saída, porquanto queria expulsar aqueles meeiros indesejáveis do meu arrozal. Reuni meus cinco melhores auxiliares, todos moradores das terras de meu querido e venerado pai, e confidenciei o meu plano definitivo, com o compromisso de eles não contarem a ninguém, nem mesmo a suas mulheres. Todos concordaram. Como chegara o momento crucial da safra, quando a praga de passarinhos atacava em cheio, chegou a hora. Passamos a noite preparando e enchendo umas dez latas de querosene de grude de goma de mandioca, misturado com uns trinta litros de cola escolar das boas. Ainda de noite muito antes do amanhecer, auxiliados com várias lamparinas de pavios grandes e dois lampiões da casa da fazenda, passamos a gororoba em todos os fios da cerca de arame farpado que cercundava a plantação. A surpresa maior foi quando chegamos mais ou menos às nove horas da manhã: eram tantos passarinhos pregados em todo o aramado que eu quase tive um troço. Eu não sabia o que fazer com tantos bichinhos inocentes... Passamos o dia todo com cinco jumentos carregando aquelas aves daninhas nos caçuás, após torcer o pescoço de todas elas ...

Como ninguém podia rir do coronel, não só pelo respeito, mas muito mais pelo medo que todos tinham dele, as pessoas se retiravam uma a uma, com a mão levada à boca, como se reprimissem o riso até estarem seguras e poderem rir a bandeiras despregadas, fazendo comentários jocosos sobre a matança dos passarinhos...

Em poucos minutos, o coronel estava sozinho na cadeira de balanço e, ao sentir-se assim, levantou-se e voltou para casa, cabisbaixo e pensativo, sem entender o motivo daquele abandono inesperado.

Dias depois o coronel Epaminondas voltou para a Capital e nunca mais se teve notícias dele naquele longínquo lugarejo.

Conto de José Alberto de Souza